

6-9 fronteiras urbanas na partilha do que fomos e queremos ser

Os olhares a multiplicar os cruzares múltiplos onde nos cartografamos, alfabetizamos, historiamos. Mediando, na escuta entre o passado e o futuro. O presente aqui.

Agora somos os que se olham ao espelho e se sentem por dentro. Tu és eu, a percorrer os passos em que as portas se fecham, os recursos são escassos e os medos são, das crianças a perder-se no abismo dos adultos. Tu és eu, na ponte para o conhecimento que deseja e é de todos embora ainda só o seja de alguns. Tu és eu, a contar a minha história e a reconhecer nela o que ainda não vi, mas que me devolves no teu olhar. Tu és eu, no mapa com que desenhas os lugares de estar e de me mover e que mostras ao mundo para que todos saibam que por aqui somos, com os peixes e as marés, com o sol e as ervilhas, com os patos e as cores, com os sonhos e os des-sonhos. Tu és eu, a dizer-me das palavras e da poesia, com que nos prolongamos e refazemos, com que nos intimamos e nos sonhamos. Tu és eu, a mostrar-me que não somos sós, num caminho que se prolonga e que precisa de se organizar para se manter por si. Tu és eu, no entusiasmo com que nos contagiamos e no medo com que nos perdemos.

Precisamos encontrar no meio, o caminho de sermos em confiança e onde ninguém nem nada nos derrubará.

7-9 fronteiras urbanas nos bairros da Costa

Nas ruas os seres encontram-se, animam-se com o existirem no encontro e multiplicam o encontro, com os que nas ruas também se encontram.

Os que nas ruas habitam. Tomando conta da existência uns dos outros. Cuidando de quem lá é solto e precisa do amor daqueles que partiram. Integrando os loucos que em mais lugar algum são acolhidos. Escutando os invisíveis, que nas veias precisam de carregar o sangue de um oxigénio, que ao mesmo tempo os dissolve no veneno.

Deambulamos por entre os escombros de uma civilização em ruínas. Com o olhar espantado de quem percebe, nelas, sinais de luz.

Sobretudo o Amor. Em todos os encontros.

O amor das conversas sem fim à procura das respostas, que já no passado foram encontradas e agora são de novo à espera de sermos nelas. Dos saberes que se repetem e renovam enquanto o mar e o tempo se movem, em ciclos que ainda agora são ativos. Da luta por um conforto no tempo de preparar a morte. Do cuidado para que o futuro ainda seja possibilidade, não destruída na predação de um hoje para além do qual não há lugar. Da leitura com que partilhamos a beleza do mundo, através dos nossos olhos.

O amor dos gatos esfomeados que nos olham nos olhos e nos tocam pedindo brincadeira. Da cumplicidade dos que se cheiram iguais nos gestos, embora tanta coisa nos separe. Dos homens que nos ensinam seus jogos de contas e de passos desdobrados, redobrados, subtraídos. Das crianças que nos pedem a eternidade e a perdem e em nós encontram a esperança de a prolongar. Das trocas de olhares e de ritmos nos corpos e nos sons com que as baleias nos embalam no ato de renascer. Dos sorrisos e afagos com que nos reconhecemos e festejamos. Das despedidas com que nos dizemos até amanhã ou até depois ou até sempre.

A amor é sempre. Agora aqui. A prolongar-se no amanhã. A projetar-se no depois. Agora sempre.

8-9 encontro do fronteiras urbanas com os seus consultores

Momento histórico. Matema às voltas com. Dizermos cada um da sua inteligibilidade do mundo e traduzindo-a para o aqui, de onde nos projetarmos para o futuro.

Energia a buscar, não na predação mas na cooperação. Embora também possa renascer da violência, transmutada em auto-organização. Lótus a alimentar-se da lama. E do sol. Luz a propagar luz, sem perder a consciência da sombra. Recortes de formas a ampliar-se para que novas formas possam ser. Para superar a morte. Para festejar a vida.

O conhecimento e o amor, a operarem no seu casamento o milagre da semente a germinar. O entusiasmo do sonho e do encontro a alimentar-nos, por dentro. A superar as barreiras que, de fora, nos dizem ser impossível a luta de David ganhar a Golias. Mas nós sabemos da força do amor e do conhecimento, sobre o poder da força cega e sem coração. Nós sabemos que história se faz todos os dias, nos encontros e embates que se travam. Nós sabemos da tenacidade e da visão, que por cima, águias que somos, nos levará a sobrevoar os galinheiros, rumo à liberdade.

Ana Paula

By email 10_09_2012